



Vista aérea da Paisagem Industrial da Ribeira da Carpinteira . Fotografia Rodrigo Monteiro Marques [21/09/2020].

Rodrigo João Leitão Beato Dias

Da Indústria ao legado

uma análise arqueológica da paisagem industrial da ribeira da Carpinteira (Covilhã)

"A cidade da Covilhã é ainda hoje marcada pelos seus antigos edifícios ligados à indústria da lã, tendo sido, nos séculos passados, um grande centro dos lanifícios de Portugal, vital para a economia portuguesa."

summary

Covilhã, located on the southeast slope of Serra da Estrela, had two important industrial centers on the beds of the Goldra (southern section of the city) and Carpinteira (northern section of the city) streams. This city specialized in textile production between the 15th century and the first decades of the 20th century, earning the nickname 'factory city' or 'Manchester of Portugal', due to the large concentration of factories specializing in wool production, becoming thus a relevant case study to understand industrialization in Portugal.

This study focuses on the industrial landscape of Ribeira da Carpinteira, seeking to demonstrate how this area was occupied by the textile industry, especially from the 17th to the 20th century, through the application of methods of interpretation of landscape archeology, using primary data from prospecting, cartography, inventory and documentation. The objective is to obtain a holistic view of how the landscape and its resources were used and influenced this area of the city, including the use of water, the morphology of the land, the climate of the region and its impact on the culture and toponymic marks of the streets.

Like most cities in the industrialized world, Covilhã has suffered from deindustrialization and the subsequent abandonment of old factory buildings, which currently face the risk of destruction due to urban growth. This scenario results in the decontextualization and potential loss of this industrial landscape, highlighting the need to renew interest in the study and preservation of this cultural landscape.

Keywords: textile manufacturing; Industrial Archaeology; Covilhã; Industrial Landscape; Wool.

sumário

A Covilhã, localizada na encosta sudeste da Serra da Estrela, possuía dois importantes núcleos industriais nos leitos das ribeiras da Goldra (seção sul da cidade) e da Carpinteira (seção norte da cidade). Esta cidade especializou-se na produção têxtil entre o século XV e as primeiras décadas do século XX, ganhando a alcunha de 'cidade fábrica' ou 'Manchester de Portugal', devido à grande concentração de fábricas especializadas na produção de lanifícios, tornando-se assim um caso de estudo relevante para compreender a industrialização em Portugal.

O presente estudo foca-se na paisagem industrial da ribeira da Carpinteira, procurando demonstrar como esta área foi ocupada pela indústria têxtil, especialmente do século XVII ao XX, esta por meio da aplicação de métodos de interpretação da arqueologia da paisagem, utilizando dados primários de prospeção, cartografia, inventário e documentação. O objetivo é obter uma visão holística de como a paisagem e seus recursos foram utilizados e influenciaram esta área da cidade, incluindo o uso da água, a morfologia do terreno, o clima da região e o seu impacto na cultura e nas marcas toponímicas das ruas. Tal como a maioria das cidades no mundo industrializado, a Covilhã sofreu com a desindustrialização e o subsequente abandono dos antigos edifícios fabris, que atualmente enfrentam risco de destruição devido ao crescimento urbano. Este cenário resulta na descontextualização e potencial perda desta paisagem industrial, sublinhando a necessidade de renovar o interesse no estudo e preservação desta paisagem cultural.

Keywords: Lanifícios; Arqueologia Industrial; Covilhã; Arqueologia de paisagem; Lã.

introdução . _

A cidade da Covilhã é ainda hoje marcada pelos seus antigos edifícios ligados à indústria da lã, tendo sido, nos séculos passados, um grande centro dos lanifícios de Portugal, vital para a economia portuguesa. Portanto, é essencial estudar e compreender porque é que esta paisagem industrial é importante e como foi moldada.

Pensando nesta temática, desenvolvi este artigo, baseado na minha dissertação de mestrado de 2022, orientada pela professora Leonor Medeiros, para demonstrar a importância desta paisagem e entender como a industrialização de Portugal aconteceu.

Contudo, para abordar esta paisagem usei uma metodologia nunca usada nesta região: a interpretação de uma paisagem industrial aplicando os métodos propostos por Marilyn PALMER e Peter NEAVERTON (1994) para interpretação dos recursos da paisagem

utilizados pelas fábricas, e Veronica STRANG (2008) para abordar a temática da água, vital para a industrialização desta região, além de metodologias de prospeção aplicadas, que irei abordar no tópico das metodologias. Algo que até à realização desta dissertação apenas foi feito recorrendo a registos históricos ou levantamentos de património, sem nunca recorrer às metodologias arqueológicas.

contextualização do local de estudo: Covilhã . _

A Covilhã pertence ao distrito de Castelo Branco e tem uma área superior a 500 km². A cidade situa-se a uma altitude média de 770 m (WACHSMANN, 1949 :45), situada numa posição privilegiada no sudoeste da



Fig. 1. Cascata da ribeira da Carpinteira, perto da Fábrica Velha . Fotografia Sónia Patrícia [13/03/2014].

Serra da Estrela, (PINHEIRO, 2002 :103). Este território está demarcado, a sul pelos Montes Serranos e a norte pela Serra da Estrela, sendo a sua paisagem de vale atravessada pelo rio Zêzere, a cerca de 50 km da fronteira com Espanha. O concelho da Covilhã faz fronteira com os concelhos de Seia, Fundão, Guarda, Manteigas, Belmonte, Arganil e Pampilhosa da Serra. Esta zona de Portugal é marcada pela sua geografia, nomeadamente pela Serra da Estrela, o ponto mais alto de Portugal continental, sendo um dos maiores centros de dispersão hidrográfica de Portugal, onde surgem importantes fontes de abastecimento da população portuguesa como o Mondego e o Zêzere (MELO, 1969 :7). Esta serra está inserida na feição geográfica conhecida como Maciço Central Ibérico (FERREIRA, 2015 :41). As formações geológicas mais comuns nesta região são os xistos e os granitos, sendo esta última rocha vital para compreender a forma como foram construídas as fábricas na ribeira da Carpinteira. A cidade da Covilhã é demarcada por dois vales formados pelas ribeiras da Goldra e Carpinteira. Durante o período medieval da cidade, essas duas ribeiras estariam na sua periferia. Pelo facto destas duas ribeiras (Goldra e Carpinteira) possuem uma forte corrente de água (DIAS, 2022 :25), nas primeiras décadas do séc. XXI esta paisagem sofreu grandes alterações ao nível da paisagem, com a destruição de um grande número de edifícios, sendo que, até à data da realização deste artigo, apenas 26 dos 50 edifícios se encontram inalterados ou sem grandes modificações desde o momento de término do seu período de laboração (DIAS, 2022 :139-549).

o caso de estudo ribeira da Carpinteira . _

O arranque industrial da Covilhã está intrinsecamente ligado à utilização das cascatas e do relevo das ribeiras para a implantação de unidades fabris (A.A.V.V, 1991

:67). A ribeira da Carpinteira (Fig. 1.) tem nascente na Serra da Estrela, na zona a norte da cidade da Covilhã (GIRALDES, 1880:20-21). A ribeira e toda a paisagem envolvente foram moldadas pelo Homem para aproveitar os seus recursos hídricos (GOMES, 2003 :8 e RODRIGUES, 2009 :11).

Ao nível da forma de ocupação da ribeira, distingo duas zonas distintas. Na área de maior altitude do curso, na zona conhecida como Sineiro, junto ao Parque Natural da Serra da Estrela, a paisagem principal não é a de fábricas abandonadas nem das suas estruturas de apoio, mas sim de zonas de pastoreio de ovelhas, hortas e florestas compostas por pinheiros-bravos, carvalhos e castanheiros. Contudo existem aqui algumas concentrações fabris, em especial junto da Estrada do Sineiro, onde hoje se encontram residenciais universitárias (Sineiro Apartamentos) e polos da Universidade da Beira Interior (Fig. 2.).



Fig. 2. Paisagem mais a norte da ribeira da Carpinteira. Fábrica Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco. Fotografia Rodrigo Dias [20/12/2020].

Isto é diferente do que acontece nas zonas baixas da ribeira, onde fábricas e estruturas marcam a paisagem de suporte, acompanhando a encosta do vale. Esta é a área que está sobre maior pressão do crescimento

humano e da construção acelerada da cidade. Todavia, à medida que a ribeira se afasta do núcleo da cidade, esta zona torna-se novamente mais rural (Fig. 3.). Porém, diferente da primeira devido ao relevo ser bastante mais plano, o que resulta em áreas de cultivo mais extensas, com culturas de cereal e olival. Esta transição é mais visível na Calçada das Poldras (Fig. 4.) e (Anexos 1, 2 e 3).

Após o levantamento realizado na dissertação de mestrado "A produção de lanifícios na Ribeira da Carpinteira, Covilhã - Uma perspectiva arqueológica", tomei em consideração os dados obtidos nas fichas e avaliei o uso atual do edificado, o nível de alterações ou demolições que teve (estado de conservação) e possíveis transformações ao longo da sua história, isto é passagem de uso fabril para restaurante, teatro, área residencial, entre outros. Nisto, dividi os edificados em três categorias: Intacto/sem grandes modificações à estrutura e interior desde o seu encerramento; Edifício parcialmente adaptado / demolido / alterado e Edifício totalmente adaptado / demolido para nova finalidade. Isto resulta numa escala dos edifícios com mais alterações ou ocupações humanas dos que têm menos alterações e por isso, possivelmente, de maior interesse arqueológico.

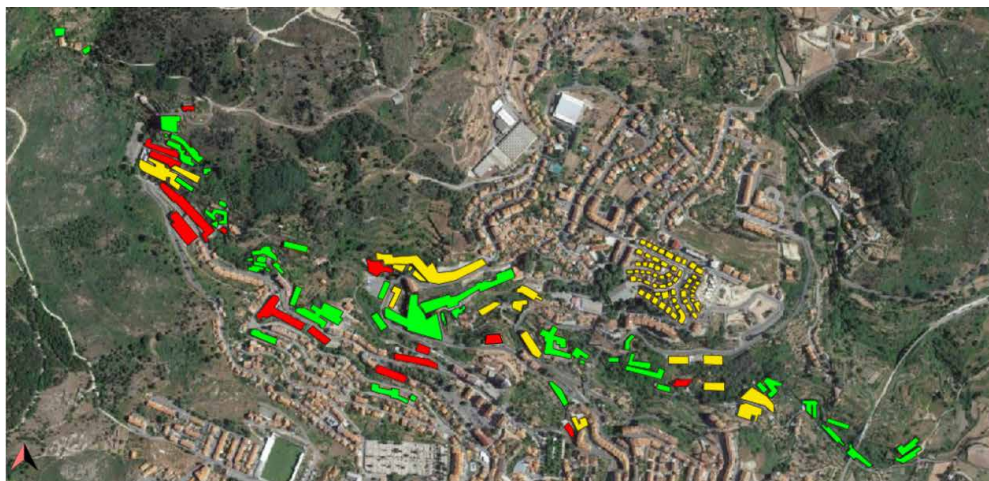


Fig. 4. Estado de conservação dos edificados ligados à produção têxtil e o bairro operário dos Penedos Altos.

LEGENDA:

- Intacto/sem grandes modificações na estrutura e interior desde o seu encerramento.
- Edifício parcialmente adaptado / demolido / alterado.
- Edifício totalmente adaptado / demolido para nova finalidade.



Fig. 3. Paisagem Urbana da ribeira da Carpinteira. Fábrica António Estrela & C.ª. Fotografia Rodrigo Dias [22/12/2023].

Com base nestes factos, é essencial e necessário detetar estas paisagens, sendo uma temática pouco abordada, em especial as paisagens ligadas às indústrias têxteis. Por esse mesmo motivo, decidi abordar uma das mais importantes áreas de produção de lanifícios do passado: a Covilhã.

Com isto em mente, dei início ao estudo alicerçado na análise de bibliografia chave para compreender a paisagem e o passado industrial da Covilhã. Desloquei-me a bibliotecas e arquivos, sob o tema da ocupação industrial na Covilhã, incluindo pesquisa no CD/ AH, na Biblioteca da UBI, no arquivo da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) - onde também realizei a pesquisa de fotografias antigas da Covilhã, na Biblioteca e Arquivo Histórico e da Economia (BAHE), Biblioteca Nacional, na Biblioteca de Arqueologia da DGPC (Direção-Geral do Património Cultural), no Arquivo Municipal da Covilhã e no Arquivo do Forte de Sacavém. Após este estudo inicial e devido à vastidão da área industrial da Covilhã, optei pela zona menos estudada, a ribeira da Carpinteira, para assim desenvolver um estudo mais original. Com isto realizei a prospeção dessa área, tendo sempre em mente que para este tipo de estudo o objetivo principal da prospeção não é encontrar sítios arqueológicos, mas sim compreender como é que o espaço e a paisagem foram utilizados e explorados no passado (BICHO, 2012:91).

Em termos de metodologia de campo, realizei uma prospeção sistemática da ribeira de forma a examinar todos os componentes individuais dentro do território que denominei como "zona de interesse" (JAMIESON, 2007: 7), isto é, fábricas, ruas e estruturas de apoio de elevado valor patrimonial.

Numa fase final, realizei o registo em fichas disponíveis na minha dissertação de mestrado, para facilitar a leitura de dados e facilitar a inserção em mapas, para facilitar a análise da paisagem (Fig. 6. e 4.).

metodologia usada no estudo . _

Para poder interpretar a paisagem é necessário, em primeiro lugar, abordar o que é a Arqueologia da Paisagem, sendo esta a disciplina que procura compreender as complexas relações entre as pessoas e o espaço em que viviam (ANSCHUETZ, WILSHUSEN e SCHEICK, 2001 :163), a partir da forma como optaram por manipular os recursos naturais da paisagem, na forma como influenciaram as decisões das populações que a ocupavam (FAIRCLOUGH, 1999 :123). Tal como foi abordado pelos autores Maarten Jacobs, Floor Huisman, Maria de Wit e Roy van Beek (2023), este estudo do legado das paisagem é essencial também para as populações locais e interessados nesse passado de várias formas desde "symbolising history, contributing to sense of place and sense of identity, providing aesthetic experiences, or constituting economic gains" (JACOBS; HUISMAN; DE WIT e VAN BEEK, 2023 :1041).

Após esta introdução à forma como realizei o trabalho de campo, posso finalmente abordar como analisei esta paisagem. Em primeiro lugar, é precioso afirmar que muita da base para análise desta paisagem seguiu a proposta apresentada por Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994) para análise de uma paisagem industrial, contudo foi necessário alterar e acrescentar alguns pormenores extra para poder aplicar a análise de uma paisagem mono-fábrica ligada à indústria têxtil, como foi o caso da Covilhã, usando outros autores para um estudo mais holístico de toda a paisagem, como Veronica Strang (2008) e Lisa Taylor (2020).

Inicialmente, procurei abordar o uso de recursos energéticos para poder encontrar uma relação entre os centros de produção e os recursos energéticos próximos da ribeira da Carpinteira e o modo como estes influenciam a dispersão e o tipo de indústria fabril. No caso da ribeira da Carpinteira terá sido a energia por força da água, a mais próxima e menos dispendiosa para as fábricas da Covilhã, pois tal como nos indica Veronica Strang (2008), "As an integral part of every landscape, however arid, water is literally essential to human existence and to all human-environmental engagements".

Outro ponto que penso ser importante para analisar uma paisagem industrial é a proximidade com a matéria-prima, ou seja, se existe alguma relação entre a paisagem industrial e a matéria-prima, sendo neste caso a lã, pois a Covilhã estava situada na confluência de várias rotas de transumância. Por outro lado, qualquer cidade que se tenha baseado na mono-indústria têxtil precisa de diferentes fábricas a trabalharem as várias fases de trabalho do tecido têxtil (limpeza da lã, fição, cardação, penteação, tecelagem, tinturaria e últimação). No caso da ribeira da Carpinteira, terá existido uma certa correlação entre a atividade realizada e a proximidade à zona da água.

O quarto ponto é identificar e interpretar como os vários edifícios fabris foram construídos, ou seja, que técnicas de construção usaram, se existe alguma relação entre a forma de construir e que materiais usaram na sua construção (pedra, tijolo ou cimento).

Outro ponto que acredito ser vital para entender uma paisagem industrial é saber a história dos intervenientes na paisagem, isto é, das populações locais que operavam nestas fábricas, que no caso da arqueologia industrial é vital, pois este processo de desindustrialização ocorreu relativamente recentemente e ainda é possível encontrar pessoas que laboraram nessas fábricas. Estes casos acontecem um pouco por todas as sociedades pós-industriais, como nos indica Lisa Taylor (2020), quando aborda a necessidade de preservar a história e o know-how fabril de West Yorkshire, "Carpetvillage in West Yorkshire, Carpetmakers had once been a thriving manufacturer of fine woven carpets since the late 1880s, its inhabitants had held a sense of 'communal beingness' through the shared experience of living there and of making carpets" (Taylor, 2020 :302).

Um último ponto para realizar a análise de uma paisagem industrial centra-se na necessidade de estudar e analisar as vias de transporte essenciais para a circulação de mercadorias e pessoas, seja transportando matérias-

primas ou fazendo com que o produto final chegue aos seus consumidores (PALMER e NEAVERSON, 1994 :15). No caso da ribeira da Carpinteira é possível notar uma forte identidade fabril ainda presente na toponímia das várias ruas onde se encontravam as diversas concentrações fabris.

água, a força motriz da Carpinteira . _

Nos tópicos seguintes pretendo demonstrar como foi aplicada a metodologia já referida na paisagem da ribeira da Carpinteira. Em primeiro lugar, irei analisar como a forma de consumir energia influenciou a concentração das fábricas da Covilhã na ribeira da Carpinteira.

Sendo que o arranque industrial da Covilhã está intrinsecamente ligado ao aproveitamento das quedas de água e do seu relevo para a implementação das unidades fabris, (A.A.V.V, 1991 :67), em particular as ribeiras da Carpinteira e da Goldra, através de uma análise da cartografia, sobretudo da ribeira da Carpinteira, é possível ver a dispersão fabril nesta área (Anexos 1, 2 e 3). Este foco no uso de energia hidráulica deve-se ao facto de estas unidades terem dificuldades em possuir máquinas a vapor neste período cronológico, pois o preço do carvão era bastante elevado, como também da lenha que poderia ser usada para combustão, esta cada vez mais rara devido à excessiva desflorestação da Serra da Estrela (SILVEIRA, 1863 :26–27).

Durante a visita de Arthur Quintella (1899), a ribeira da Carpinteira é apontada como a que levava mais caudal das ribeiras da Covilhã, com 40 litros por segundo para a Carpinteira e apenas 26 litros por segundo para a Goldra. A ribeira da Carpinteira também dispunha de uma força motriz teórica de 270 cv (QUINTELLA, 1899 :118–119).

Começo assim com o uso de energia hidráulica nas indústrias da ribeira da Carpinteira: das 49 fábricas, 23 unidades recorriam ao uso de rodas hidráulicas para obter energia (Fig. 5.), tendo essa utilização sido mais comum nas unidades dos Séc. XVII, XVIII e XIX (DIAS, 2021: 544). A "fábrica António Estrela & C.^a" ainda possui conservada a estrutura onde se encontrava a roda hidráulica, contudo todas as rodas hidráulicas da ribeira da Carpinteira já não se encontram preservadas. Com estes dados em mente observamos uma forte dependência destas ribeiras como fonte de energia por parte das fábricas da Covilhã, o que explica a elevada concentração fabril ao longo da ribeira da Carpinteira.

O uso da água também é essencial para a indústria dos lanifícios desempenhar outras atividades ligadas ao têxtil, como a tinturaria e a lavagem de lã. Isto pode observar-se no terreno onde todas as unidades desenvolviam a atividade de lavagem de lã e de tinturaria, à exceção da fábrica Clemente Petrucci & Irmão que é uma fábrica mais moderna dos anos 30 do séc. XX, o que demonstra a importância da água para a produção industrial da ribeira da Carpinteira (Fig.6.).



Fig. 5. Filmagem da roda hidráulica da Fábrica Velha / Campos Melo, em 1921 [MACEDO, 1921].



Fig. 6. Unidades especializadas na atividade de limpeza de lã.

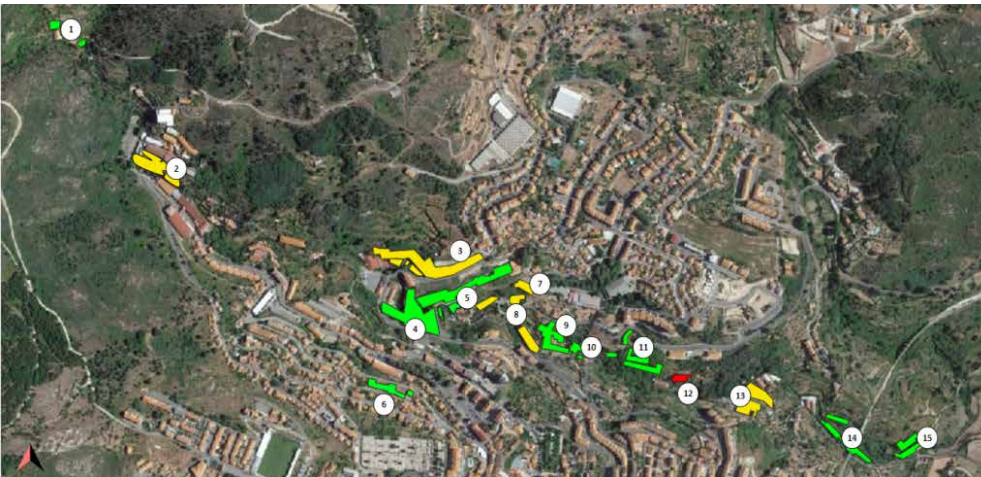


Fig. 6. Unidades especializadas na atividade de tinturaria.

LEGENDA:
■ Intacto/sem grandes modificações na estrutura e interior desde o seu encerramento.
■ Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado.
■ Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade.
○ Número da unidade.
(Nomes das unidades disponíveis no Anexo 1, 2 e 3.)

clima e geografia da Covilhã . _

A região da Serra da Estrela possui uma forte influência do clima atlântico e mediterrânico, já que se encontra numa área de território que separa o clima mediterrânico do atlântico. Contudo, esta região, condicionada pela circunstância de estar localizada mais no interior da Península Ibérica, também sofre uma forte influência continental, devido às correntes de ar secas oriundas da meseta hispânica (BATISTA, 1990 :7). Isto resulta numa forte sazonalidade do clima, com verões quentes e invernos frios e chuvosos, com possível queda de neve. Apesar desta região sofrer uma forte influência do clima continental e mediterrânico, o relevo montanhoso da Serra da Estrela cria temperaturas mais suaves, tal como algumas precipitações, durante os meses de primavera e verão (VICENTE, 2012 :20). Estes factos determinam a sua importância para a realização da transumância, que permitia o acesso à matéria-prima - a lã - essencial para o desenvolvimento desta indústria. Torna-se, assim, essencial entender a paisagem humana, pois esta atividade moldou a Serra da Estrela, com a desflorestação para conversão em pasto.

Apesar destas rotas de transumância passarem por outros centros urbanos importantes como o Fundão, Portalegre, Campo Maior e Elvas, nenhum destes, entre os Sécs. XVIII e XIX, produzia mais tecido que a Covilhã. Isto deve-se ao facto de, ao contrário das outras cidades

e vilas acima referidas, a Covilhã possuir acesso tanto a matéria-prima como aos recursos energéticos, que neste caso, era a força hidráulica das ribeiras que moviam os motores das máquinas. Também esta abundância de água permitiu desenvolver as atividades ligadas aos lanifícios, desde o tingimento à lavagem de lãs (GOMES, 2003 :34).

Isto permite demonstrar que esta atividade de produção de gado ovino foi essencial para o desenvolvimento inicial da indústria dos lanifícios na Covilhã, tendo permitido criar uma tradição e apetências dos locais para o desenvolvimento da indústria têxtil, além de ter alterado a própria paisagem natural da Serra da Estrela, de bosques para prados cultivados.

Noutra perspetiva, a geografia e a geologia influenciaram a forma de construir na ribeira da Carpinteira. Em primeiro lugar não existe uma forma "standard" de construir fábricas na ribeira da Carpinteira, pois a construção destas fábricas encaixa no relevo do vale da ribeira. Por outro lado, a análise da prospeção dos vários sítios notou que todas estas fábricas usaram o granito (pedra mais comum nesta área geográfica) como base da sua construção, à exceção da unidade de "Alberto Miguel", dos inícios da década de 40 do século XX. Devido à Segunda Guerra Mundial teve de se optar pela construção em cimento, em vez da construção em pedra de granito, que começava a escassear (PINHEIRO, 2009 :552). É também importante referir que no caso da

unidade fabril "Armando António Martins" o relatório inicial da obra indica que a sua expansão foi planeada em betão, contudo foi alterada para granito (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947). Algo que se confirmou no levantamento onde foi usado o granito como alvenaria exterior da estrutura. No Arquivo Municipal da Covilhã, relatórios de memórias descritivas, das fábricas "Ernesto Cruz & C^a." e "José da Cruz Fael", em 1949, especificam que o granito usado na construção era desta região (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949 e Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

Com efeito, pode concluir que as unidades fabris na ribeira da Carpinteira não possuíam um modelo "standard" de construção, estavam sim adaptadas ao terreno da ribeira da Carpinteira. Também o isolamento da Covilhã influenciou o material de construção usado nas fábricas da ribeira da Carpinteira, pois o granito local era o material de construção mais abundante na região.

a importância do *know-how* dos covilhanenses . _

Como já foi referido, a geografia é essencial para entender a indústria dos lanifícios da Covilhã, mas o *know-how* das populações locais também é vital para perceber porque é que a indústria de lanifícios começou na Covilhã.

Contudo, não existem dados históricos sobre as técnicas de transformação da lã em tecido, na Covilhã, na Idade Média. Isto pode dever-se ao facto de grande parte da produção ser de tecidos grossos e burel, para proteção do frio, em regime familiar, não tendo sido digna de registo na documentação. Daí a necessidade de um estudo arqueológico e de uma nova política para perceber como estas antigas tradições evoluíram durante os Sécs. XVII e XVIII para a produção de lanifícios. Segundo dados bibliográficos, esta atividade seria desenvolvida pelos membros femininos, que após desempenharem as atividades domésticas ocupavam os tempos livres a tecer (DIAS, 2022 :36). Estas atividades de transformação realizavam-se muitas vezes no local de venda, onde a loja-oficina também era a casa de morada. O artesão, ainda que tivesse alguma colaboração de outros trabalhadores, recorria maioritariamente à ajuda da família. Esta atividade realizava-se na traseira da casa e a venda seria na parte da frente da mesma, virada para a via pública (VICENTE, 2012 :93).

Na Covilhã, outro ponto importante que deve ser mencionado na produção de lanifícios em maior escala é a sua ligação inicial a instituições eclesíásticas, como os cistercienses, estabelecidos na Abadia de Santa Maria da Estrela na Boidobra (Covilhã) e produções da Ordem do Templo e de Cristo (PEREIRA, 2017:102).

O último fator que penso também ter sido determinante é a Covilhã ser o centro populacional mais importante da região, o que permitia o acesso à mão-de-obra para laborar nas várias fábricas da região durante o séc. XIX. À data de 1836, o concelho da Covilhã possuía 5.007 fogos, o valor mais elevado do distrito de Castelo

Branco. O segundo concelho com mais fogos era Castelo Branco, com 4.194 fogos (DIAS, 1962 :9-10).

Em suma, a componente humana é essencial para compreender a razão porque a Covilhã, ou qualquer região industrial, foi ocupada por fábricas. Neste caso foi o facto de este ser um importante centro populacional da região centro de Portugal, que permitia o acesso a mão-de-obra. Por outro lado, a tradição de produção de lanifícios da região que permitiu esta transição de produção familiar para produção industrial.

as vias de comunicação da ribeira da Carpinteira . _

Esta indústria de lanifícios moldou a Covilhã criando vias de comunicação ao longo das antigas fábricas. A área envolvente da ribeira da Carpinteira é disso exemplo, com as suas vias e a própria toponímia dos edificadas a demonstrarem estes factos.

Um dos exemplos, visível na antiga planta de 1929, é a Estrada do Sineiro, rua de grandes dimensões, que acompanha, mais ou menos, o percurso da ribeira da Carpinteira. Esta é interetada por vias de menor dimensão, como é o caso da Travessa do Sineiro e da Travessa dos Pimentéis. Esta última tem o nome ligado a uma antiga família de industriais e proporcionava acesso às unidades produtivas da "Barata, FILHOS/ Pimentéis L.da", "Engenho do Sineirinho" e "António Baptista Leitão", e por outro lado à travessa do Sineiro que dava acesso a via principal (Travessa do Sineiro), que terminava num pequeno núcleo fabril composto pela "Fábrica do Dr. António Alçada", "António Baptista Alves Leitão" e "Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário" (Fig.7.).



Fig. 7. Mapa da área do Sineiro (adaptada de Planta dos Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929).

LEGENDA:

- Estrada do Sineiro
- Travessa do Sineiro
- Travessa dos Pimentéis

A Estrada do Sineiro faz a ligação direta com a Avenida Frei Heitor Pinto, nome de um antigo industrial da Covilhã, e une a Rua da Indústria e a Estrada da Fábrica Velha. A primeira é reverente da atividade que se desenvolvia naquela zona e a segunda é uma antiga fábrica que ainda se encontra conservada.

Esta última rua, Estrada da Fábrica Velha, desce para a Rua Marquês d'Ávila e Bolama onde se localiza a Ponte

dos Costas que se encontra assinalada no mapa de 1929.

Este troço permite sair e entrar na cidade da Covilhã e continua praticamente idêntico ao representado na planta de 1929 (Fig.8.).



Fig. 8. Mapa do curso médio da ribeira da Carpinteira (adaptado de Planta dos Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929).

LEGENDA:

- Ponte dos Costas
- Estrada da Fábrica Velha
- Rua da Indústria
- Avenida Frei Heitor Pinto

O último troço que acompanha a ribeira da Carpinteira na Covilhã é a Calçada das Poldras, contudo, distingue-se das anteriores ruas, por ser um trajeto de menor largura e mais sinuoso. Com descidas abruptas acompanhando a geografia do vale, possui fábricas ainda conservadas, não existindo muitas construções modernas nesta área devido ao declive acentuado e por estar situada na periferia da cidade da Covilhã. Esta é cruzada pela ponte férrea que liga a Covilhã à cidade da Guarda, inaugurada a 6 de setembro de 1891 (A.A.V.V, 1991 :72) (Fig.9.).



Fig. 9. Área das Poldras (adaptado de Planta dos Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929).

LEGENDA:

- Calçada das Poldras
- Via Férrea

conclusão . _

Em suma, com este caso de estudo da ribeira da Carpinteira, foi possível, através dos registos históricos e prospeção arqueológica, analisar esta paisagem industrial, implementando os seis pontos apresentados na metodologia de trabalho.

Em primeiro lugar, a análise dos recursos energéticos

permitiu entender o porquê da indústria dos lanifícios se centrar ao longo da ribeira da Carpinteira. As dificuldades de acesso ao carvão e a outros recursos energéticos levaram a Covilhã a adaptar-se, fazendo uso das ribeiras como fonte de energia hidráulica para operar as suas máquinas com mais de metade das fábricas (23 das 49 fábricas) a optarem por este recurso ao invés dos combustíveis fósseis.

Por outro lado, o facto de ter usado os registos históricos para adquirir informação sobre que fábricas realizavam a lavagem de lã, penteação, tecelagem, tinturaria, ultimação, entre outros, permitiu concluir que existe um posicionamento específico ao longo do curso da ribeira, como é o caso das fábricas que possuíam lavadouros de lã e tinturarias que se localizavam mais perto da ribeira para poderem usar a água como recurso para as suas atividades.

A análise dos registos históricos permitiu ainda entender que o posicionamento geográfico junto à Serra da Estrela fez da Covilhã um importante ponto de passagem de rebanhos de ovelhas (transumância), facilitando assim um acesso fácil à lã, a matéria-prima destas fábricas. Por outro lado, esta atividade alterou a paisagem natural da Serra da Estrela composta por bosques, para uma paisagem composta por pastos.

Também a prospeção no terreno e a análise dos documentos históricos permitiu, por um lado perceber que a forma de construir fábricas, no caso da Covilhã, estava associada à geografia do terreno, com estas a moldarem-se à paisagem, e por outro lado concluir que a sua construção foi maioritariamente feita com granito, pedra local e abundante nesta região.

Outro ponto importante para a interpretação desta paisagem é o aspeto humano, visto que sem esta tradição antiga de trabalho dos têxteis dificilmente esta indústria se teria desenvolvido. Por outro lado, a Covilhã foi um importante centro populacional da região da Beira Interior e dispunha de mão de obra em grande quantidade para poder operar todas as fábricas da região.

Ademais, a rede de transportes da ribeira da Carpinteira está associada à posição das fábricas na ribeira da Carpinteira, com muita da toponímia associada a nomes de antigas fábricas, tipo de atividade realizada e nome de antigos industriais.

Em suma, o uso desta metodologia permitiu realizar uma análise aprofundada da paisagem industrial da ribeira da Carpinteira, de forma a valorizar a sua componente arqueológica, histórica e patrimonial. Porém, mais estudos são necessários para entender a forma como a paisagem industrial se desenvolveu na cidade da Covilhã. Tal como é necessário a aplicação em outras cidades que tenham um passado significativo ligado à indústria têxtil, para assim criar casos de comparação e criar diretrizes de preservação destas paisagens.

Por outro lado, este novo levantamento, permitiu-me perceber que existiram grandes alterações na paisagem como a destruição da fábrica Amândio de Moraes que foi destruída com a construção do Elevador do Jardim (Anexos 4 e 5). Também permitiu saber as fábricas que se encontram em fase de remodelação ou que já foram remodeladas para novos usos, como é o caso da Fábrica João Mendes Alçada que foi convertida em discoteca

(Anexos 6 e 7). Porém, 26 dos 50 edifícios encontram-se inalterados ou sem grandes modificações desde o momento em que as fábricas foram encerradas. É disso exemplo a "Fábrica Velha / Campos Melo" (Anexos 8 e 9), complexo fabril que apesar de ter sido reconstruído no Séc. XX ainda possui conservadas algumas estruturas antigas do Séc. XVII e a "Fábrica dos Cruzes" (Anexos 10 e 11), unidade da 2.ª metade do Séc. XIX, que sendo considerada uma "fábrica completa", incorpora em si todos os processos de transformação de lã, desde a fição até à ultimação.

Após o estudo inicial de levantamento e de análise desta paisagem, é essencial partir para a fase seguinte de estudo arqueológico de edifícios de elevada relevância histórica, patrimonial e cultural, como as acima referidas "Fábrica Velha/ Campos Melo" e "Fábrica dos Cruzes", para entender como foi o arranque industrial na Covilhã, entender como as fábricas processavam a matérias-primas e as várias cadeias produtivas, compreender o quotidiano das populações que laboravam nestas unidades, através da análise da cultura material destas populações e evitar a degradação e descontextualização desta antiga paisagem industrial.

bibliografia

A.A.V.V (1991) - *Pro patria a Covilhan capital da provincia da Beira-Baixa*. Typographia Bayard 106, rua Arco do Bandeira, 110. Lisboa.

ANSCHUETZ, Kurt; WILSHUSEN, Richard e SCHEICK, Cherie (2001) - *An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions*. In: *Journal of Archaeological Research*, Vol. 9, No. 2, p. 157-211.

BATISTA, José (1990) - *Manteigas, Uma Vila da Serra da Estrela de 1136 a 1527*. Edição do Parque Natural da Serra da Estrela.

BICHO, Nuno (2012) - *Manual de Arqueologia Pré-História*. Edição 70, Lda. 2ª edição.

BORGES, António (2014) - *Fábricas da Covilhã: Fotocronologia*. Associação dos Amigos da Covilhã, Covilhã.

DIAS, Rodrigo (2022) - *A produção de lanifícios na Ribeira da Carpinteira, Covilhã - Uma perspetiva arqueológica*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.

DIAS, Victor (1962) - *O Distrito de Castelo Branco na organização e na divisão administrativas*. Separata de Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura.

FAIRCLOUGH, Gra-ham (1999) - *Protecting time and space: understanding historic landscape for conservation in England*. In: *THE ARCHAEOLOGY AND ANTHROPOLOGY OF LANDSCAPE- Shaping your landscape*. Routledge 11 New Fetter Lane, London, p. 121-136.

FERREIRA, Filipe (2015) - *Caracterização Geotécnica de Solos de Alta Montanha*. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335 (1949) - *Ernesto Cruz & C.a. N.8*. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349 (1949) - *José dos Santos Pinto, Suc. N.50*. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A (1947) - *Armando Martins. N. 22*. Arquivo Municipal da Covilhã.

GIRALDES, Manuel (1880) - *Covilhã no centenário*. Fornecedores da casa de Bragança 6, Rua do Thesouro Velho, 6. Lallemand Frères Typ. Lisboa.

GOMES, Paulino (2003) - *Covilhã: Percursos de uma história Secular*. Néstia Editor, Paços de Ferreira.

JACOBS, Maarten; HUISMAN, Floor; DE WIT, Maria e VAN BEEK, Roy (2023) - *Heritage contestation in matterscape, mindscape, and powerscape*. In: *Landscape Research* 2023, VOL. 48, N.º 8. Routledge. p. 1041-1053.

JAMIESON, Elaine (2007) - *Understanding the Archaeology of Landscapes- A guide to good recording practice*. English Heritage.

RODRIGUES, José (2009) - *Covilhã: evolução urbana da cidade*. In: *Monumentos. Cidades/ património/ reabilitação*, 29, p. 6-15.

MACEDO, Artur (1921) - *A Covilhã, Industrial, Pitoresca e seus arredores*. Portugal. Cinemateca portuguesa. Museu do Cinema. [Consult. 27 Sep. 2021].

Disponível em <<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=5001&type=Video>>.

MELO, Francisco (1969) - *A Transformação da Paisagem da Serra da Estrela. Necessidade do seu Planeamento*. Separata do Boletim da Casa do Concelho de Gouveia.

PALMER, Marilyn e NEAVERSON, Peter (1994) - *Industry in the landscape, 1700- 1900*. Routledge, Londres.

PEREIRA, António (2017) - *Indústria têxtil Portuguesa*. Edição clube dos Colecionadores. CTT

PINHEIRO, Elisa (2002) - *Os fios do passado a tecer o futuro - um lema para o museu de Lanifícios Da Covilhã à Europa pelas rotas da lã e redes de informação Têxtil*. In: Atas das III Jornadas de arqueologia Industrial (12 a 14 de novembro de 1998. *A indústria têxtil Europeia - Os Fios do Passado a Tecer o Futuro - Uma abordagem pluridisciplinar*. Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, p. 99-150.

PINHEIRO, Elisa [coord.] (2009) - *Rota da lã Translana: volume 2*. Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior Covilhã.

QUINTELLA, Arthur (1899) - *Subsídios para a Monographia da Covilhan*. Typ. D' "O Rebate". Covilhã.

SILVEIRA, Fradesso (1863) - *As Fábricas da Covilhã*. Bibliotheca das Fábricas, publicada pela Associação promotora da Indústria Fabril. Lisboa.

STRANG, Veronica (2008) - *The social Construction of water*. In: *Handbook of Landscape Archaeology*. Routledge Taylor & Francis Group. Editores: Julian Thomas, Bruno David. London and New York, p. 123-128.

TAYLOR, Lisa (2020) - *Landscapes of Loss: Responses to Altered Landscape in an Ex-Industrial Textile Community*. In: *Sociological Research Online* Volume 25, Issue 1, March 2020. p. 46-65.

VICENTE, Maria (2012) - *Covilhã medieval: o espaço e as gentes, séculos XII e XV*. Editor: Lisboa: Colibri.

WACHSMANN, Fred (1949) - *Como eu vi a Serra da Estrela*. Edição da Tipografia Alcobacense, L.da. Alcobaca, p. 45-63.

anexos .__



Anexo 1.
Nome dos Sítios na área do Sineiro.

- LISTA:
- 1- Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco
 - 2- Alberto Mendes Vaz
 - 3- Fiação Roseta
 - 4- Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar
 - 5- Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro
 - 6- Anaquim, Copeiro e Bouhon / Álvaro Paulo Rato
 - 7- Valério Gomes Correia e Irmão
 - 8- Ernesto Cruz & C.º
 - 9- Fábrica do Dr. António Alçada
 - 10- António Baptista Alves Leitão
 - 11- Lavadouro, Estendedor e armazém de Lãs Comunitário



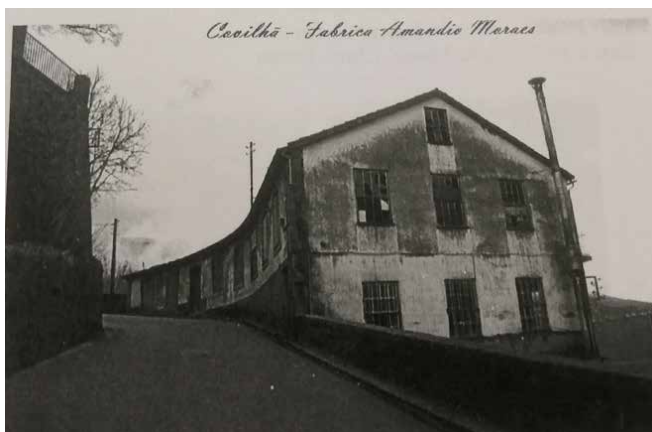
Anexo 2.
Nome dos Sítios entre a área do Sineiro e a Rua da Indústria.

- LISTA:
- | | |
|--|--|
| 12- António Baptista Leitão | 22- Armando António Martins |
| 13- Engenho do Sineirinho | 23- Arnaldo Teixeira & C.ª |
| 14- Barata, FILHOS/ Pimentéis, Lda | 24- Alberto Miguel |
| 15- Manuel Lopes Bola | 25- Nova Penteação e Fiação da Covilhã, Lda |
| 16- João Roque Cabral | 26- Fábrica Campos Melo & Irmão/ Fábrica Velha |
| 17- Augusto D'Almeida Fortuna & Filhos | 27- Jerónimo Dias Freire |
| 18- José Henriques da Fonseca Júnior | 28- Alexandrino Fernandes Nogueira |
| 19- João Mosa | 29- Sociedade Fianadeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão |
| 20- João Mendes Alçada | 30- Clemente Petrucci & Irmão |
| 21- Fábrica Alçada | |

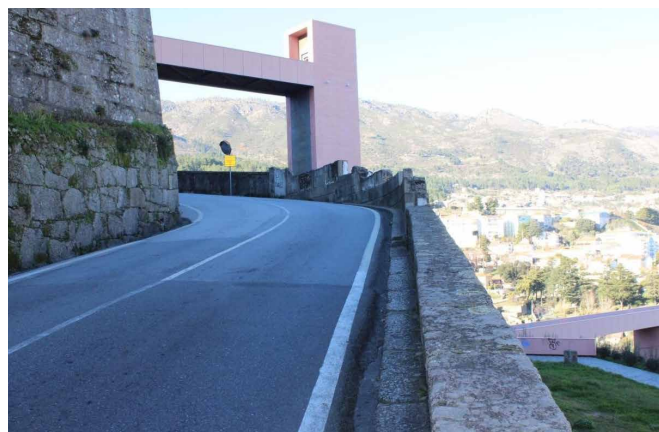


Anexo 3.
Nome dos Sítios da Rua Marquês de Ávila e Bolama e Calçada das Poldras.

- LISTA:
- | | |
|---------------------------------------|--|
| 31- José Dias D'Assumpção | 41- Sutre, Antunes & Oliveira, Lda |
| 32- Victor Sasseti & C.ª | 42- Álvaro de Moura |
| & António Maria das Neves & Irmãos | 43- Manuel Abílio |
| 33- Arnaldo da Silva Carreira | 44- José Maria da Silva Campos Mello e irmão |
| 34- António Estrela & C.ª | 45- João da Silva Fiadeiro |
| 35- Ranito Mesquita & C.ª | 46- Fábrica do Padre João |
| 36- José Camolino e Sousa | 47- João Nave Catalão |
| 37- Amândio de Moraes | 48- Alexandre António Pereira Espiga |
| 38- Barata, Filhos | 49- Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão |
| 39- Bairro Operário dos Penedos Altos | 50- José da Cruz Fael |
| 40- Fábrica dos Cruzes | |



Anexo 4. Aspeto da Fábrica Amândio de Moraes antes da sua demolição. (BORGES, 2014 :15).

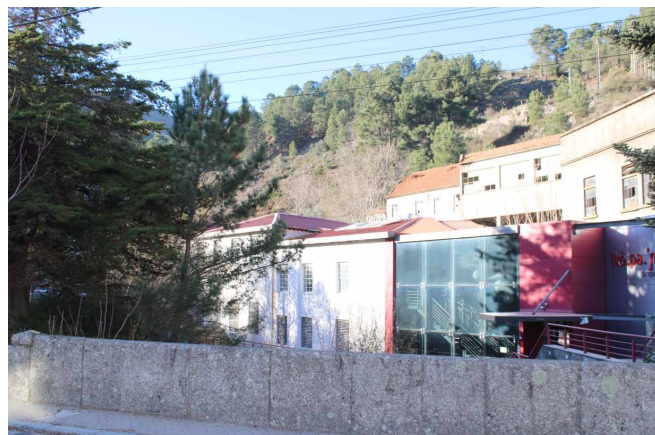


Anexo 5. Aspeto atual da Fábrica Amândio de Moraes. Fotografia Rodrigo Dias [22/12/2023].

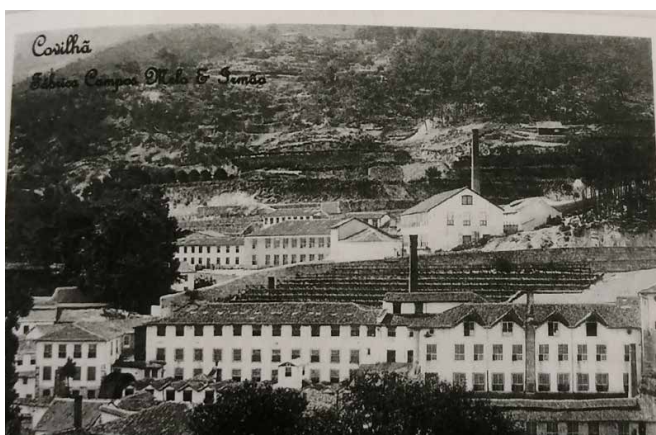
anexos .__



Anexo 6. Aspeto da Fábrika João Mendes Alçada, antes da construção da discoteca.
(BORGES, 2014 :125).



Anexo 7. Aspeto atual Fábrika João Mendes Alçada.
Fotografia Rodrigo Dias [22/12/2023].



Anexo 8. Fábrika Campos Melo & Irmão, século XX.
(BORGES, 2014 :205).



Anexo 9. Aspeto atual da Fábrika Campos Melo & Irmão.
Fotografia Rodrigo Dias [22/12/2023].



Anexo 10. Aspeto da Fábrika dos Cruzes antes do incêndio de 1968.
(BORGES, 2014 :87).



Anexo 11. Aspeto atual da Fábrika dos Cruzes.
Fotografia Rodrigo Dias [22/12/2023].